

A CONCEITUAÇÃO DA MULHER CONFORME A PERSPECTIVA DE SIMONE DE BEAUVIOR NA OBRA “O SEGUNDO SEXO”

JÚLIA ANTUNES BENEDUZI¹; LETÍCIA FRANCIELLY LORENA²; SOFIA SELINGARDI FABRIN²; MARCIA RODRIGUES BERTOLDI³

¹Universidade Federal de Pelotas – juliabeneduzi@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leticiaflorena@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sofia_fabrin@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marciabertoldi@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

A obra “O Segundo Sexo” foi redigida pela escritora e filósofa Simone de Beauvoir, no ano de 1949, e atualmente é considerada um dos pilares do feminismo. Suas ideias tratam de questões ligadas à independência feminina e ao papel da mulher na sociedade, segundo o ideal existencialista, buscando a libertação feminil.

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, a figura feminina foi alvo de uma série de mitos e, mesmo hoje, em tempos ditos modernos, questiona-se o papel da mulher no contexto social e faz-se mister desvendá-lo, pois, assim, livre de preconceitos, ela poderá encontrar seu verdadeiro lugar no mundo. Com base na aludida obra, analisam-se diferentes aspectos, quais sejam, biológico, psicanalítico e materialista-histórico, para conceituar e ampliar o entendimento acerca da figura da fêmea na sociedade.

“Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade” (BEAUVIOR, 1960).

2. METODOLOGIA

O presente artigo pretende trazer uma melhor compreensão acerca dos três primeiros capítulos do livro “O Segundo Sexo” – Os Dados da Biologia, O Ponto de Vista Psicanalítico e O Ponto de Vista do Materialismo Histórico. Em seu desenvolvimento foi utilizado, principalmente, o método científico dialético, considerando a revisão crítica realizada sobre o objeto da pesquisa. Auxiliado, no entanto, pelo método histórico, à medida que se pretende contextualizar a obra.

O resumo tem por objetivo servir de base a um artigo, no qual se analisará todo o livro, ora parcialmente estudado, bem como outras obras que versam sobre ele.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A espécie humana buscou encontrar na biologia explicações acerca da segregação existente entre os sexos na sociedade moderna, usando-se desta ciência para fundamentar a sociedade patriarcal, atribuindo à mulher a característica de ser passiva, enquanto ao homem se atribuiu toda a atividade, em parca alusão ao ato reprodutivo.

O corpo da mulher é uma das características mais marcantes do espaço que ela ocupa, porém não é suficiente para definir o seu papel na sociedade. A biologia não consegue definir o motivo de a fêmea ser o outro sexo.

Uma vez que entendemos a figura da mulher como uma formação complexa, necessitaremos da multidisciplinaridade, considerando que a questão biológica, não obstante toda relevância que possui, não basta para definir a existência do ser.

Há de se observar o aspecto psíquico da formação feminina. Pois bem, cumpre apontar, por primeiro, que a psicanálise, a exemplo de todos os outros saberes, calcou-se em muitos preconceitos, uma vez que a produção de conhecimento reflete indubitavelmente o contexto histórico e social.

Além disso, grandes expoentes da teoria psicanalítica eram homens, a exemplo de Freud e Adler, inseridos no sistema patriarcal, e reprodutores deste.

O primeiro defendia que “As mulheres se opõem à mudança, recebem passivamente, e não acrescentam nada de si próprias” (FREUD, 1925). Para Freud, as mulheres apenas comportam-se de uma entre duas formas, quais sejam, invejar o pênis, como que atestando a superioridade masculina, ou rivalizar, desde o princípio de sua vida, com outras mulheres. A sexualidade era considerada o pilar da essência humana, e a vida das mulheres era baseada em sua função reprodutiva.

Adler, por sua vez, ainda que tenha ido mais além, pois atentou ao aspecto social e não apenas ao sexual, acabou, de mesma maneira, inobservando o todo e limitando a figura feminina. Isso porque, para ele, a mulher possui apenas duas saídas, sentir-se inferior, alcançando a autonomia através da maternidade, ou, sentir-se igualmente inferior e, diante disso, reprimir sua feminilidade, mirando no exemplo masculino para se afirmar perante o meio.

Por fim, o terceiro aspecto abordado pela autora na compreensão do feminino baseia-se no ponto de vista do materialismo histórico, teoria utilizada como fundamento para os estudos de Karl Marx e Friedrich Engels. Sob esta ótica, os processos de mudança social são conduzidos pela realidade material dos indivíduos.

Aduzem os autores que a posição na qual a mulher foi colocada na sociedade se deve ao menor valor atribuído a sua mão de obra quando dos trabalhos braçais, eis que menor sua força física. Contudo, com o desenvolvimento dos instrumentos de trabalho, ultrapassada a barreira física, não houve uma libertação, mas sim a inserção da mulher no patrimônio do homem, como um bem, que passa a servi-lo. “A emancipação da mulher e sua equiparação ao homem são e continuarão sendo impossíveis, enquanto ela permanecer excluída do trabalho produtivo social e confinada ao trabalho doméstico, que é um trabalho privado” (ENGELS, 1974).

4. CONCLUSÕES

Mesmo nos dias atuais se mostra um desafio necessário a conceituação do ser feminino em sociedade, com a devida abrangência e posição no contexto social. A obra base deste artigo, redigida em meados do século passado por uma escritora, mulher e filósofa, apresentou-se como pioneira dos ideais feministas e mantém-se pertinente, atual e revolucionária.

A supramencionada autora confrontou as teorias existentes à época, as quais, embora trazidas por grandes personagens, colocavam a mulher como submissa e inferior ao homem. Assim, não obstante a relevância de estudos como os de Engels e Freud, inovadores ao seu tempo, fez-se necessário demonstrar as fragilidades de seus pontos de vista no que se refere ao outro sexo, o que Simone fez brilhantemente, trazendo-nos originalidade e liberdade para existir.

A força conferida à luta feminista atualmente não veio ao acaso, em certos períodos da história a superioridade física do homem mostrou-se, de fato, relevante, calando à voz das mulheres, em razão de tal circunstância. Com o advento das tecnologias, a força física deixou de mostrar tamanha importância, levando à ruína a concepção de que haveria uma superioridade produtiva do

homem em relação à mulher e, sabemos, não há qualquer argumento capaz de justificar a superioridade masculina.

A desconstrução de preceitos ora aceitos como verdades foi fundamental para garantirmos a relativa liberdade de existência que as mulheres experimentam atualmente. Contudo, ainda nos restam uma série de paradigmas a serem derrubados. A inércia, neste momento, seria perigosa, à medida que geraria uma estagnação nos ganhos e possíveis retrocessos.

A libertação feminina é uma construção diária.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, S. L. E. M. B. Os Dados da Biologia. In: BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. Cap. I, p.25-57.

BEAUVOIR, S. L. E. M. B. O Ponto de Vista do Materialismo Histórico. In: BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. Cap III, p.73-80.

BEAUVOIR, S. L. E. M. B. O Ponto de Vista Psicanalítico. In: BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. Cap II, p.58-72.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. Trad. José Silveira Paes. 3 ed. São Paulo: Global, 1984.

FREUD, S. S. **O Eu e o ID, “Autobiografia” e Outros Textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.